

Temas Fraturantes e Literatura Infantil: a mediação literária entre textos sobre a guerra e a morte

Disruptive themes and children's literature: literary mediation between texts on war and death

Temas fracturantes y literatura infantil: la mediación literaria entre textos sobre la guerra y la muerte

Renata Junqueira de Souza¹
Universidade Estadual Paulista (FCT UNESP), Brasil.

Estela Aparecida de Souza dos Santos²
Universidade Estadual Paulista (FCT UNESP), Brasil.

Gabrielly Doná³
Universidade Estadual Paulista (FCT UNESP), Brasil.

Resumo

Embora a literatura infantil sempre tenha abordado temas considerados polêmicos e sensíveis, na última década cada vez mais pesquisadores têm se debruçado para definir e discutir os diversos termos utilizados, muitas vezes como sinônimos: polêmicos, sensíveis, fraturantes, difíceis, entre outros. Assuntos como morte, perda, indisciplina, violência, guerra, ainda que sensíveis, fazem parte da realidade dos leitores mirins. No entanto, a presença desses temas com o público infantil gera controvérsias, pois muitos adultos acreditam que protegem as crianças pelo fato de não debater tais assuntos. Nesse sentido, este artigo tem como objetivo reconhecer a importância da literatura como espaço de formação estética ao abordar temas fraturantes, com ênfase na forma como a guerra, enquanto expressão do tema da morte, é representada. O artigo defende que, quando tratados com sensibilidade e mediação adequada, guerra e morte contribuem para o desenvolvimento das funções superiores da criança. Para isso, será realizada uma análise dos livros *Migrantes*, de Issa Watanabe (2021), e *A caminho de casa*, de Jairo Buitrago (2012), com foco em como a experiência da morte está inserida nas narrativas sobre guerra. Para a análise, temos como base estudos de Áries (1995); Azevedo; Balça; Sastre (2017); Compagnon (2006); Doná (2024); Hanan Díaz (2020); Harari (2020) etc. Esperamos, assim, que este estudo contribua para ampliar as possibilidades de uso da literatura no contexto escolar, sobretudo aquela voltada à formação de leitores autônomos.

Palavras-chave: temas fraturantes; guerra; morte; leitura literária.

¹ Doutorado em Letras. Universidade Estadual Paulista (FCT UNESP). Doi: <https://orcid.org/0000-0003-2227-2544>. E-mail: renata.lit.junqueira@gmail.com

² Mestre em Educação. Universidade Estadual Paulista (FCT UNESP). Doi: <https://orcid.org/0000-0002-2043-3597>. E-mail: estela.santos2unesp.br

³ Mestre em Educação. Universidade Estadual Paulista (FCT UNESP). Doi: <https://orcid.org/0000-0003-4729-6462>. E-mail: gabriellydonaa@gmail.com



Abstract

*Although children's literature has always addressed themes considered controversial and sensitive, over the last decade an increasing number of researchers have sought to define and discuss the various terms often used as synonyms: controversial, sensitive, disruptive, difficult, among others. Subjects such as death, loss, indiscipline, violence, and war, although sensitive, are part of young readers' reality. However, the presence of these themes in literature for children generates controversy, since many adults believe they are protecting children by avoiding such subjects. In this context, this article aims to recognize the importance of literature as a space for aesthetic formation when addressing disruptive themes, with emphasis on how war, as an expression of the theme of death, is represented. The article argues that, when approached with sensitivity and appropriate mediation, war and death contribute to the development of children's higher mental functions. To this end, an analysis will be conducted of the books *Migrantes*, by Issa Watanabe (2021), and *A caminho de casa*, by Jairo Buitrago (2012), focusing on how the experience of death is embedded in narratives about war. The analysis is grounded in the contributions of Àries (1995); Azevedo; Balça; Sastre (2017); Compagnon (2006); Doná (2024); Hanan Díaz (2020); Harari (2020), among others. It is expected that this study will contribute to broadening the possibilities for the use of literature in the school context, especially literature aimed at the formation of autonomous readers.*

Keywords: disruptive themes; war; death; literary reading.

Resumen

*Aunque la literatura infantil siempre ha abordado temas considerados polémicos y sensibles, en la última década cada vez más investigadores se han dedicado a definir y debatir los diversos términos utilizados, a menudo como sinónimos: polémicos, sensibles, fracturantes, difíciles, entre otros. Temas como la muerte, la pérdida, la indisciplina, la violencia y la guerra, aunque sensibles, forman parte de la realidad de los lectores infantiles. Sin embargo, la presencia de estos temas en la literatura dirigida al público infantil genera controversias, ya que muchos adultos creen que protegen a los niños al evitar debatir tales asuntos. En este sentido, este artículo tiene como objetivo reconocer la importancia de la literatura como espacio de formación estética al abordar temas fracturantes, con énfasis en la forma en que la guerra, como expresión del tema de la muerte, es representada. El artículo sostiene que, cuando son tratados con sensibilidad y una mediación adecuada, la guerra y la muerte contribuyen al desarrollo de las funciones superiores del niño. Para ello, se realizará un análisis de los libros *Migrantes*, de Issa Watanabe (2021), y *A caminho de casa*, de Jairo Buitrago (2012), centrándose en cómo la experiencia de la muerte está inserta en las narrativas sobre la guerra. Para el análisis, se toman como base los estudios de Àries (1995); Azevedo, Balça y Sastre (2017); Compagnon (2006); Doná (2024); Hanan Díaz (2020); Harari (2020), entre otros. Se espera, así, que este estudio contribuya a ampliar las posibilidades de uso de la literatura en el contexto escolar, especialmente aquella orientada a la formación de lectores autónomos.*

Palabras clave: temas fracturantes; guerra; muerte; lectura literaria.

OS VÁRIOS SINÔNIMOS DE TEMAS FRATURANTES E AS RELAÇÕES COM LEITORES

Os temas fraturantes equivalem a assuntos que são inerentes à nossa sociedade, pois tocam em fraturas coletivas que atravessam a experiência humana de modo mais amplo, configurando-se como uma possibilidade de mediação por meio do livro literário. No que se refere às diferentes nomenclaturas atribuídas a essas temáticas, Doná (2024) realizou um levantamento de teses e dissertações

com o objetivo de compreender os usos dos termos: temas fraturantes, difíceis, polêmicos, sensíveis, delicados, entre outros. Chegou à conclusão de que tais denominações são empregadas como sinônimos, de maneira equivalente, não havendo distinção no seu uso conceitual.

Um ponto essencial, quando se aborda temáticas de natureza difícil, é em relação ao receptor do texto, ou seja, “para quem” aquele tema é fraturante. Nesse sentido, levam-se em consideração as experiências de cada leitor, “podendo ser uma temática mais difícil para aquele que passou por isso em sua infância, mas não para aquele que ainda não vivenciou isso em seu meio” (Doná, 2024, p. 48). Ainda sobre esse assunto, há

um aspecto muitas vezes pouco percebido quando os adultos rejeitam obras de temáticas consideradas difíceis ou polêmicas: o fato de que a percepção sobre o que é ou não sensível dentro de uma história infantil é dos adultos, e não das crianças, que são as leitoras centrais desses livros (Penzani, 2024, n.p.).

Essa afirmação chama a atenção para o desequilíbrio entre quem seleciona, avalia e aprova a circulação dos livros literários, inclusive em políticas públicas, como o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). Os adultos que decidem o que é “adequado” ou “sensível demais” para as crianças lerem, a partir de suas próprias experiências e de seus medos. Quando se trata do tema da morte, por exemplo, em pesquisa com professoras de uma escola de Presidente Prudente - SP (Doná, 2024), constatou-se que elas não se sentiam à vontade em levar livros com essa temática para a sala de aula por três motivos: 1. Receio da reação das crianças; 2. Receio da reação dos pais ao terem ciência da leitura; 3. Elas próprias não conseguem lidar com o tema da morte por experiências pessoais. Esse fato nos revela que, muitas vezes, o tema é difícil para o mediador, o professor, os pais, mas não necessariamente para as crianças, que ainda estão construindo seu repertório de leitura e de vida.

No passado, temas como a morte e a guerra eram evitados na escola e considerados inadequados. Essa visão se mantinha, pois acreditava-se que os livros de literatura infantil deveriam ser tranquilos (Hanan Díaz, 2020). Com o tempo, esses temas foram novamente incorporados às narrativas infantis e começaram a fazer parte de uma discussão sistematizada com as crianças. Assim,

de acordo com a história de cada país, o período em que os temas fraturantes começaram a estar mais presentes nos livros infantis pode variar. De todo modo, certamente o fato de um assunto ser considerado polêmico hoje não quer dizer que ele seria em outro momento histórico. Assim como o que um dia foi polêmico na década de 1950, por exemplo, hoje pode não passar de um tópico comum em meio a tantos outros (Doná, 2024, p. 31).

A partir dessa premissa, a noção de “polêmico” é historicamente transformada, o que nos permite refletir sobre a função social dos temas fraturantes na literatura infantil. Esses temas trazem à tona tensões que fazem parte da vida em sociedade, como desigualdades, perdas, conflitos, morte, violências, guerras, diferenças culturais que, inevitavelmente, atravessam também a experiência das crianças. Na perspectiva dos estudos literários, tais assuntos são incorporados no campo da linguagem. Dentro desse, a mimesis aristotélica (apud Compagnon, 2012) é um conceito amplo e fundamental para a compreensão das relações entre literatura e realidade, estando também associada à produção da ficção baseada na verossimilhança, já que os temas não precisam apresentar um viés verdadeiro, e, sim, plausível, a fim de produzir uma ilusão do discurso verdadeiro sobre o mundo. Logo, não se diz que um tema pode ser polêmico ou não apenas por conta de seu potencial de gerar controvérsia, mas por sua capacidade de tocar o leitor com temáticas que também podem atingi-lo, seja direta ou indiretamente.

Pode-se afirmar, portanto, que a literatura é um lugar seguro para as crianças terem contato com assuntos difíceis e dolorosos, uma vez que o direito à linguagem literária, como nos lembra Antonio Candido (1995), possibilita ao leitor compreender, dar forma e ressignificar sentimentos e emoções, contribuindo para seu processo de humanização. No entanto, para que tais temas fraturantes sejam recepcionados em sala de aula, ressaltamos o papel fundamental do mediador de permitir uma experiência estética significativa.

A partir desse viés, destacamos, no segmento a seguir, os temas da guerra e da morte como experiências humanas das quais a literatura infantil se apropria, a fim de renovar percepções. Isso se deve ao fato de que a linguagem literária, de acordo com Compagnon (2006), dispõe de recursos estéticos, como tempo, personagens, enredo e enunciação, que evidenciam, ao leitor, conteúdos de mundo, entre eles, os fraturantes.

CRIANÇAS LEITORAS E A TEMÁTICA DA GUERRA E DA MORTE

A morte e a guerra são frequentemente consideradas temáticas polêmicas e difíceis de serem abordadas com o público infantil. Comumente adultos, de forma geral, compreendem que tratar os assuntos sensíveis com as crianças seria inadequado, uma vez que se deveria levar em consideração a preservação da infância, sua ingenuidade e sua inocência. Parte desses pensamentos se fundamentam na ideia de que tais temas seriam emocionalmente complexos ou, ainda, traumatizantes. Por outro lado, questões inerentes à experiência humana, como a morte, e situações inevitáveis que fogem de nosso controle, como a guerra, invadem o mundo da criança independentemente da aceitação ou da autorização dos adultos. O silenciamento e a rejeição a esses temas não eliminam sua presença no mundo infantil. As crianças assistem televisão, escutam conversas dos adultos em que a morte e as guerras são evidenciadas e elaboram sentidos para compreender tais temas, a partir de suas experiências. Percebe-se, então, que cada vez mais cedo as crianças estabelecem relações com tais temáticas, seja no convívio com outras pessoas, nas brincadeiras ou em brinquedos, nos meios de comunicação ou em diferentes manifestações culturais.

Diante da dicotomia entre o silenciamento e a presença desses temas na vida dos leitores, a literatura se torna uma fonte segura para apresentar às crianças realidades diferentes ou similares às suas, superando os conhecimentos do senso comum. Desse modo, abordar questões humanas é essencial em uma sociedade democrática, pois existe uma estreita relação entre a linguagem e o desenvolvimento do pensamento. Ao articular leitura, fala e pensamento, o ser humano torna-se capaz de planejar ações que podem transformar sua própria vida e suas relações com os outros. Nesse processo, a linguagem assume papel central na constituição das funções psicológicas superiores, tendo em vista que é por meio dela que se desenvolvem capacidades como a memória voluntária, a atenção dirigida, a formação de conceitos e o pensamento abstrato, os quais possibilitam a elaboração consciente das experiências e a produção de sentidos sobre a realidade social e cultural (Vigotski; Luria; Leontiev, 2019). É justamente nessa perspectiva que se compreende a relação entre os conflitos humanos e a literatura infantil: como um fenômeno complexo, multifacetado e historicamente transformado.

Dessa forma, embora, à primeira vista, possam parecer universos opostos, a guerra, a morte e a literatura infantil têm relações bem antigas – a literatura destinada às infâncias dialoga de modo recorrente com diferentes formas de conflito, seja de maneira simbólica, histórica, psicológica ou ética (Azevedo; Balça; Sastre, 2017).

No Brasil, a produção literária de livros infantis, cujos temas são difíceis e sensíveis, teve um crescimento significativo a partir da década de 1970, momento em que o campo editorial incorporou tais assuntos de maneira mais sistemática. Com isso, sob a justificativa da proteção, eram frequentemente silenciados pelos adultos, como morte, violência, guerra e questões políticas, integraram o repertório das obras voltadas às crianças.

Já nas primeiras décadas do século XX, Monteiro Lobato desempenhou papel fundamental na renovação da literatura brasileira. Ao inserir, no universo ficcional do Sítio do Picapau Amarelo, debates sobre guerra, morte, filosofia e ciência, como em *A chave do tamanho* (1942), *Ariméticas de Emília* (1935) e *A reforma da natureza* (1941), ou discussão sobre o petróleo em *O poço do Visconde* (1937), entre outros temas de relevância social, o autor ampliou os limites temáticos do gênero, contribuindo para a sua consolidação quantitativa e para sua qualificação estética (Filho, Pina, Michelli, 2011).

O destaque, contudo, é que tais assuntos não estavam totalmente ausentes do universo infantil antes desse processo de expansão editorial. Eles circulavam em narrativas orais, brincadeiras (polícia e ladrão, vivo-morto, armas de brinquedo), poemas (Ou isto ou aquilo, Marcha soldado, Atirei o pau no gato) e produções culturais (teatro de fantoches, cantigas populares, jogos de tabuleiro, desenhos animados, materiais escolares), ainda que sob pontos de vista distintos das contemporâneas. Essa diferença está relacionada às transformações históricas do próprio conceito de infância (Àries, 1995) e de conflitos humanos, que determinam o modo como certos temas são legitimados ou então interditados na literatura infantil. Assim, os temas fraturantes passaram por transformações ao longo dos anos, ampliando e incorporando novas problemáticas. Hanan Díaz, pesquisador venezuelano, pontua que o termo tabu envolve temas “como os desgarradores dramas da fome, as personalidades psicopáticas, a loucura, a esquizofrenia, muitas

formas de violência, variantes cruéis da morte, a guerra, a inveja” (Hanan Díaz, 2020, p. 26, tradução nossa⁴).

As noções de guerra acompanham a humanidade desde o surgimento das primeiras sociedades humanas (Mark, 2009); isso porque nenhuma geração viveu completamente afastada das diferentes formas de manifestação da violência decorrente dos conflitos (Santos, 2022). De acordo com Yuval Noah Harari (2020), é provável que o *Homo sapiens* tenha contribuído para a extinção de outras espécies humanas, como os neandertais e os denisovanos; o autor afirma que “a tolerância não é uma característica notável dos sapiens. Hoje, uma pequena diferença na cor da pele, no dialeto ou na religião é suficiente para um grupo de sapiens buscar exterminar o outro” (Harari, 2020, p. 28). A partir desse ponto, questiona-se se os primeiros sapiens teriam sido mais tolerantes em relação a outras espécies humanas, sendo plausível considerar que o encontro com os neandertais possa ter resultado na “primeira e mais significativa campanha de limpeza étnica da história” (Harari, 2020, p. 28).

No contexto atual, observam-se conflitos em diferentes regiões do mundo motivados por várias justificativas: defesa e segurança, expansão ou preservação territorial, quebra de contratos, medo, ideologias, mudança de foco, interesses econômicos e políticos etc. Ao considerar tais aspectos, percebe-se que, assim como as sociedades atuais, os povos primitivos apresentavam grande diversidade cultural, religiosa e organizacional, bem como distintos níveis de violência em suas relações sociais, incluindo práticas dirigidas às crianças (Harari, 2020). Em uma pesquisa arqueológica, na caverna de Ofnet, em Baviera, em que provavelmente um grupo inteiro de coletores foi massacrado, arqueólogos descobriram restos de 38 coletores, “sobretudo mulheres e crianças, que tinham sido jogados em duas valas comuns. Metade dos esqueletos, incluindo o de crianças e bebês, exibia claros sinais de ferimento por armas humanas, tais como porretes e facas” (Harari, 2020, p. 73).

Desse modo, em conjunto com as noções de guerra difundidas no contexto vivido em cada época, o tema pôde ser identificado na literatura sob diferentes perspectivas e com variadas funções narrativas: na exaltação de estratégias e em feitos heroicos, na representação de conflitos entre reinos, nas disputas entre

⁴ Como los desgarradores dramas del hambre, las personalidades psicopáticas, la locura, la esquizofrenia, muchas formas de violencia, variantes crudas de la muerte, la guerra, la envidia.

personagens, na formação de sentimentos patrióticos, incluindo o desenvolvimento do sentimento de pertencimento a partir de batalhas internas, assim como vínculo da memória histórica e resoluções pacifistas. Estudos recentes (Bednarek, 2023) apontam que a presença da guerra em obras para crianças não é arbitrária, mas está ligada ao modo como narrativas culturais contribuem para moldar a compreensão social dos conflitos, ainda que a maioria dos conflitos retratados nas narrativas atuais seja referente à representação da Segunda Guerra Mundial.

À vista do exposto, temáticas como a morte e a guerra se relacionam, uma vez que os conflitos armados inevitavelmente produzem mortes, perdas e rupturas. Quando se fala em guerra, não se limita a enfrentamentos físicos, mas também à eliminação de vidas, ao luto coletivo e à desestabilidade de uma comunidade inteira, como é visto na Colômbia⁵ por meio das guerras internas. Ao abordar a guerra, elucidam-se também reflexões sobre a finitude e o sofrimento humano, tornando a morte um elemento essencial das discussões deste artigo. Em um contexto histórico marcado pela recorrência de conflitos, a literatura configura-se como uma das formas culturais em que a humanidade elabora e registra tais experiências. Ao transformar a guerra e a morte em escrita, a produção literária transforma o fato em algo simbólico, possibilitando sua permanência na memória coletiva.

Sendo assim, ao abrir espaço para a criança atribuir sentidos às leituras, a abordagem de temáticas como a morte e a guerra na literatura infantil não diz respeito à destruição da infância ou ao desrespeito do desenvolvimento infantil. Ao contrário, torna-se um modo de reconhecer a criança como um sujeito inserido em uma sociedade marcada por gerações que dialogam por meio da cultura. Nesse processo, é a qualidade da mediação que orienta a leitura e possibilita ao leitor construir sentidos. Por conseguinte, a escola configura-se como um espaço privilegiado para tais práticas, na medida em que contribui para a proteção das infâncias ao permitir a produção de conhecimentos e ao favorecer, pela via estética, o desenvolvimento das funções psicológicas superiores (Vigotski; Luria; Leontiev, 2019).

⁵ País de Jairo Buitrago, autor de *A caminho de casa*.

ENTRE INCERTEZAS E ESPERANÇAS – MIGRANTES

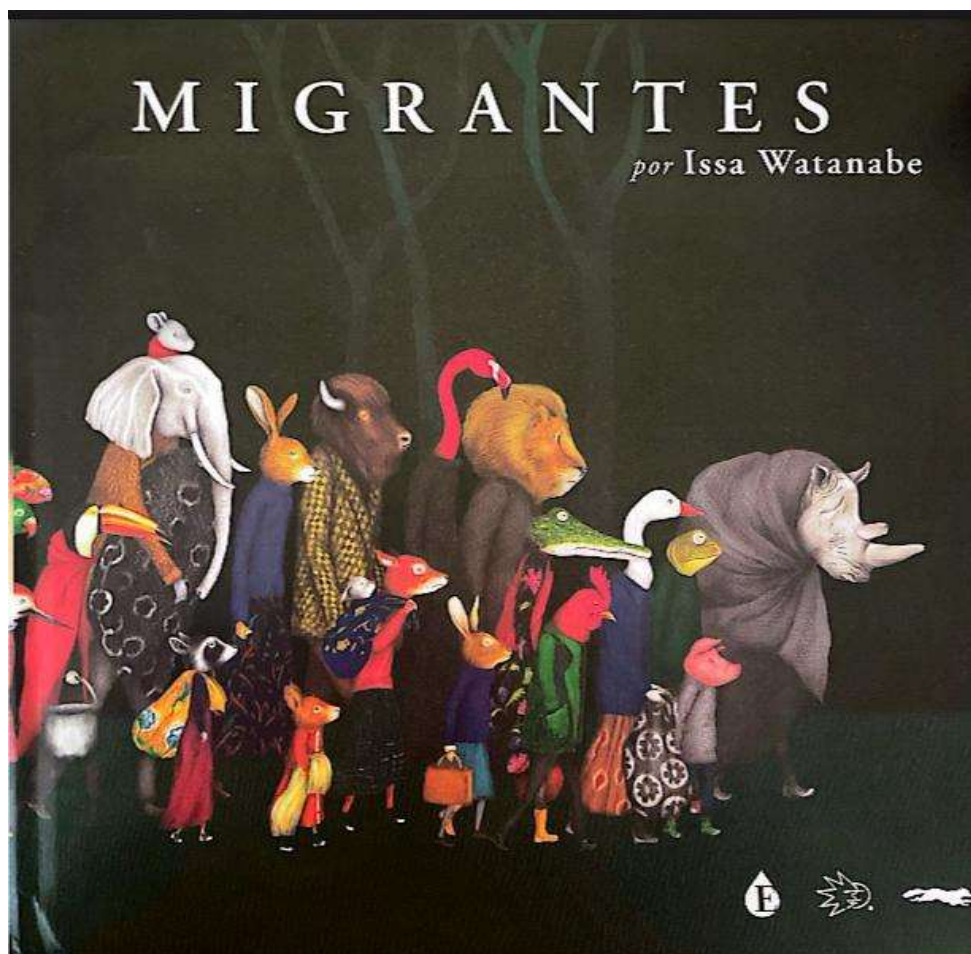
Migrantes, da autora e ilustradora peruana Issa Watanabe (2021), configura-se nos termos de um livro de imagens, conforme Camargo (1995). Desse modo, diferentemente dos livros tradicionais em que a imagem que acompanha a história é uma descrição visual do texto verbal ou dos livros ilustrados/ livros de imagem, no qual o texto visual não existe, essa obra literária é composta pela independência das imagens. Essa independência permite que o texto visual e o verbal contem suas próprias histórias, que podem se complementar ou se contradizer, convergindo para formar a totalidade da obra literária. São os recursos imagéticos que desenvolvem a narrativa, com exceção da presença do texto verbal no título, nos créditos e nos paratextos editoriais. Isso se deve ao fato de que,

Os livros de literatura infantil trabalham, em geral, duas linguagens, o texto e a imagem. Haverá casos nos quais as imagens predominam em relação ao texto, outros, em que o texto é preponderante, dessa forma, o texto e imagem poderão sobrepor-se, complementar-se, articular-se. No entanto, há também os livros constituídos exclusivamente por imagens (Luizari, 2019, p. 38).

Camargo (1995; 2015) propõe distinguir o desenho presente nas páginas dos livros infantis como imagem, e não como ilustração. Para o autor, a ilustração se configura como uma projeção da linguagem verbal para a linguagem visual, mantendo, dessa forma, uma relação de dependência em relação ao texto, que orienta e delimita sua interpretação. Já a imagem caracteriza-se por sua autonomia, constituindo-se como linguagem própria, dotada de recursos específicos, como composição, cor, enquadramento, ritmo e sequência, capazes de sustentar, por si mesma, a construção de sentidos.

Essa distinção se torna relevante no caso dos livros de imagem, nos quais a ausência ou a mínima presença do texto verbal desloca para o plano visual a responsabilidade pela narrativa. Nesses casos, não se trata de “ilustrar” uma história previamente dada; e, sim, de construí-la visualmente, exigindo do leitor uma participação ativa na produção de sentidos. Assim, a leitura deixa de se apoiar em uma linearidade verbal e passa a operar por inferências, associações e interpretações das relações entre as imagens, o que amplia as possibilidades de significação e intensifica a experiência estética.

Figura 1 - Capa do livro Migrantes



Fonte: Watanabe (2021).

Dessa forma, Issa Watanabe, a partir de suas vivências e do contato com obras que a marcaram, opta por uma construção imagética que mobiliza dimensões como identidade, pertencimento, perigo, acolhimento e imprevisibilidade, ao se questionar sobre como abordar o tema da imigração com as crianças. Tais efeitos são produzidos, por exemplo, pelo contraste entre os tons do primeiro plano e os do fundo, bem como pela simbologia do íbis azul, cuja presença introduz a temática da morte e torna tensa a experiência narrativa.

No que diz respeito à guerra, a autora evidencia que ela figura entre os principais fatores que levam milhões de pessoas a se deslocarem para outros territórios em busca de segurança. Essa perspectiva é reforçada na quarta capa da obra, por meio do texto de Theo Angelopoulos: “Migrantes, refugiados, deslocados, bombardeios, violência, guerra, fome, medo, êxodo, campos, meninos, meninas,

órfãos, ilegais, desaparecidas, crise humanitária, pacto mundial sobre migração, direitos humanos... Silêncio. Quantas fronteiras eles têm de cruzar para chegar em casa?"

Nesse contexto, pode-se afirmar que um conflito em grande escala, como uma guerra, produz como efeito as diversas situações descritas por Angelopoulos, que se apresentam ao leitor ao longo da obra. No livro, os animais, presentes desde a capa, sob o título *Migrantes*, são, em sua maioria, retratados de perfil e pertencentes a diferentes espécies. Levam consigo seus filhos ou sobreviventes de um evento que provocou uma ruptura profunda em suas personalidades, sugerida pela expressividade de seus corpos e de seus rostos. A morte, que se convida para esta jornada com uma mala que eles costumam aceitar, caminha com a mesma expressão, ora evocando medo, ora oferecendo uma forma de reconforto.

O livro, por sua vez, inicia e se encerra com a imagem de uma floresta em seu paratexto. As árvores apresentam tonalidades que variam entre o verde e o azul escuro; seus galhos estão desnudos e o plano de fundo é preto, sugerindo um céu noturno. Esses elementos visuais assumem papel significativo na obra, pois podem indicar um clima de tensão, silêncio e ausência de vida. Ao virar a página paratextual, observa-se, na mesma floresta, a presença de um íbis azul, com bico, olhos e pernas vermelhos, que carrega uma caveira envolta por um manto florido. É nessa página que aparecem o título, *Migrantes*, e o nome da autora, Issa Watanabe. A morte, representada pela figura da caveira na página da esquerda, surge nesse cenário: ela deixa o espaço marcado pela aridez das árvores para se apresentar de forma personificada, podendo evidenciar, desde o início da narrativa, a presença de uma violência extrema.

Figura 2 - A morte como um encontro

Fonte: Watanabe (2021).

Nas páginas seguintes, a morte desce dos íbis e caminha até uma pequena mala, que passa a carregar enquanto segue pela floresta, até encontrar um grupo diverso de animais. A primeira personagem a percebê-la é um sapo, para quem a morte acena. O grupo apresenta expressões de tristeza e cansaço; cada personagem carrega consigo apenas aquilo que cabe no próprio corpo, seja nas mãos, seja em pequenas trouxas, elementos que indicam tratar-se dos sujeitos que atribuem título à obra: os migrantes.

A morte, então, oferece a bagagem aos animais antropomorfizados, que a observam com expressões contidas. Neste contexto, entende-se por antropomorfização (Nikolajeva, 2014) a atribuição de características humanas, como posturas corporais, gestos, emoções e modos de organização social, a seres não humanos, recurso que, na obra, favorece a identificação do leitor e a projeção de experiências humanas nas personagens. Na cena seguinte, a morte passa a integrar o grupo como mais uma entre eles.

Sua presença entre os animais pode ser lida, assim, de modo ambivalente: por um lado, simboliza a perda de espaço, de vida e de referências; por outro, condensa aquilo que precisou ser deixado para trás em decorrência de um evento catastrófico. Ao carregar a bagagem, a morte materializa essas ausências e esses deslocamentos, tornando-se não apenas figura de finitude, mas também índice das rupturas que atravessam a experiência migratória. Mesmo diante dessa condição, os

animais, com aquilo que lhes restou, passam a cuidar uns dos outros na noite que envolve a narrativa. Cozinham juntos, organizam seus pertences e dormem próximos. Em alguns desses momentos de cuidado coletivo, flores começam a surgir em tons de vermelho, verde e amarelo, contrastando com o fundo escuro das imagens. Nesse novo contexto, as personagens retomam gestos cotidianos e práticas humanas, tal qual cozinhar para o outro, tomar banho e organizar seus pertences, sugerindo a reconstrução de vínculos e formas de vida em meio ao deslocamento.

Figura 3 - As flores que surgem como reconstrução de vínculos



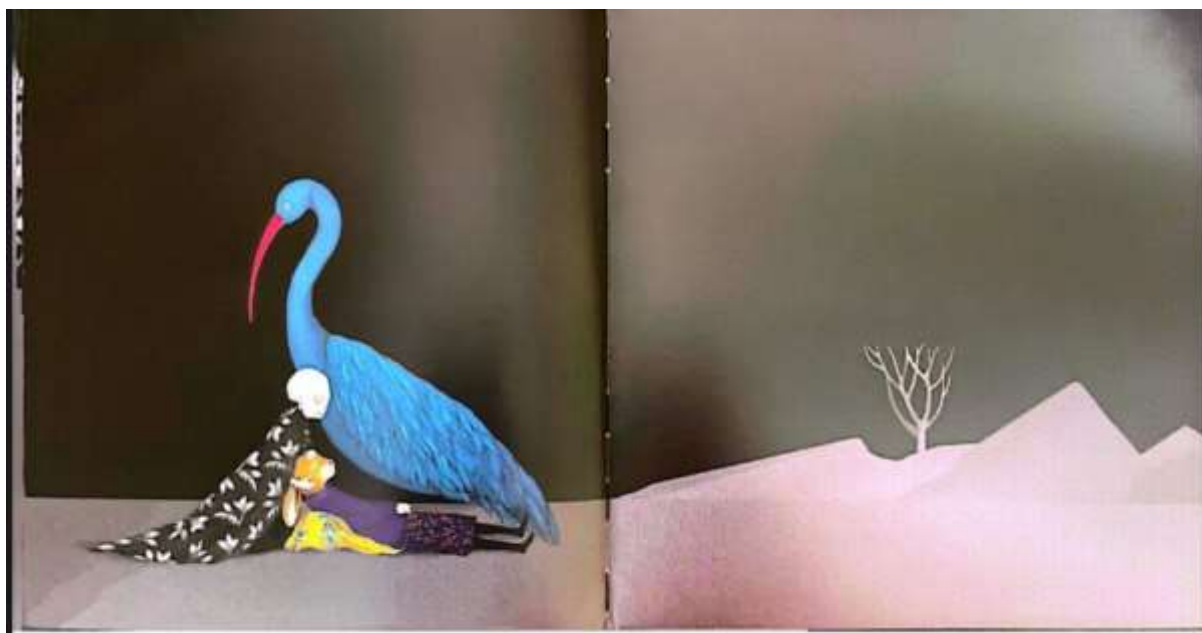
Fonte: Watanabe (2021).

Em um determinado momento, a caveira transvestida de morte, agora envolta por um manto amarelo sobre uma veste preta, com os mesmos galhos das árvores sem vida, encontra um urso. A cena, constituída em dois planos, evidencia, por um lado, o plano da morte, com árvores e folhas acinzentadas; de outro, o do urso, marcado por árvores vivas em tons de vermelho. Nesse encontro, a morte oferece um ramo ao animal, o que possibilita a percepção de um conflito entre finitude e vida. No entanto, que este grande urso, representado no centro do miolo do projeto gráfico, pode significar?

Nas páginas seguintes, instaura-se um momento de tensão capaz de revelar a difícil jornada enfrentada pelas personagens. Ao se depararem com o mar, símbolo do desconhecido, os animais embarcam em busca de um novo destino.

Entre esperança e apreensão, mantêm-se próximos uns dos outros; contudo, durante a travessia, perdem um integrante do grupo. A morte volta a ocupar o centro da narrativa ao revelar a perda de um coelho e de seus poucos pertences nas águas. Nessa ocasião, as tonalidades de preto e cinza predominam nas imagens, intensificando a atmosfera de ruptura e dor.

Figura 4 - A morte ocupa o espaço central



Fonte: Watanabe (2021).

Ao alcançarem a terra firme, o grupo precisa seguir adiante, ainda acompanhado pelo íbis. Ao final da narrativa, encontram frutos em uma árvore colorida, elemento que pode simbolizar a possibilidade de recomeço. Entretanto, a sensação de instabilidade permanece: no paratexto final, reaparecem as mesmas árvores sem vida vistas no início da obra. Quanto tempo eles ficarão livres até que tudo volte a se repetir?

Nesse sentido, na obra de Issa Watanabe, a guerra não é representada de forma direta, mas emerge simbolicamente por meio da presença constante da morte e do deslocamento das personagens, seja pela figura da caveira, da noite unânime ou das árvores cinzas desnudas.

A figura da caveira, que inicialmente surge carregada por um íbis e posteriormente passa a caminhar e integrar o grupo de animais migrantes, materializa a morte como companheira inevitável dessa jornada. Ao longo da narrativa visual, a perda de um dos integrantes durante a travessia marítima

evidencia o caráter fraturante dessa experiência, reforçado pelo uso predominante de tons escuros que intensificam a atmosfera de tensão e ruptura. O leitor acompanha essa trajetória por meio da recorrência da narrativa e dos personagens, podendo antecipar acontecimentos a partir das ações que eles desenvolvem. Ao mesmo tempo, encontra estabilidade emocional ao reconhecer, na história, a amizade, a esperança, o acolhimento de um novo lugar e o afeto com que as personagens acompanham umas às outras ao longo de sua trajetória. Nesse contexto, a guerra se manifesta como uma força silenciosa que provoca abandono, perda e deslocamento, obrigando os sujeitos a deixar para trás seus espaços de pertencimento e a reconstruir formas de vida em meio à incerteza. Assim, a obra constrói uma representação sensível da guerra a partir de seus efeitos humanos, a morte, o exílio e a precariedade, sugerindo que, mesmo diante da dor e da ausência, persistem gestos de cuidado coletivo e possibilidades de recomeço em um novo lugar, assim como sugere o final da narrativa.

ENTRE PASSOS DE DÚVIDAS E DE OTIMISMO - A CAMINHO DE CASA

A Caminho de Casa, de Jairo Buitrago, pode ser compreendido como um livro ilustrado na medida em que mobiliza uma lógica verbo-visual de construção narrativa. Tal definição sustenta-se não apenas pela predominância das imagens em relação ao texto verbal, mas, sobretudo, pela relação de interdependência entre essas instâncias semióticas: embora cada uma apresente contribuições próprias para a narrativa, é na articulação entre texto e imagem que os sentidos são construídos. Diferentemente dos livros com ilustrações, nos quais o texto verbal detém autonomia narrativa e as imagens assumem função acessória (Linden, 2011), o livro ilustrado constitui-se em uma construção de sentidos pela interação das linguagens.

Figura 5 – Capa do livro



Fonte: Buitrago, 2012.

Nesse contexto, a materialidade da obra, que envolve texto, imagem e sua disposição gráfica, participa ativamente da enunciação, aproximando-se de uma perspectiva em que o sentido surge do entrelaçamento dessas camadas. Assim, “o livro ilustrado transcende a questão da copresença por meio de uma necessária interação entre texto e imagem, de modo que o sentido não é veiculado pela imagem e/ou pelo texto, mas emerge da mútua interação entre ambos” (Linden, 2011, p. 86). Tal concepção permite pensar o livro ilustrado como um objeto estético em que a significação se constrói no intervalo, no diálogo, nos espaços vazios a serem preenchidos pelos leitores e nas tensões entre o verbal e o visual.

A caminho de casa foi publicado originalmente em espanhol e traduzido para o português. É um livro infantil ilustrado que trata com sensibilidade alguns temas fraturantes, narrando a história de uma menina que enfrenta a ausência do pai e a

necessidade de ajudar a mãe nos afazeres e nos cuidados do irmão enquanto ela trabalha. Para transformar sua rotina mais suportável, a menina imagina um leão que a acompanha no trajeto de volta para casa, podendo ser visto como símbolo de proteção e de força, principalmente pelo fato de a protagonista ter obrigações pesadas e de muita responsabilidade, afinal ela é uma criança que sente a ausência da mãe, que trabalha em uma fábrica o dia inteiro.

Ao observar o pano de fundo da narrativa, delineia-se uma paisagem urbanizada, atravessada por signos de poluição e, sobretudo, de caos. Sob a perspectiva da focalização, a cena parece ser mediada por um ponto de vista que reorganiza a percepção do espaço urbano, propiciando o que é dado a ver e o que permanece difuso. Nesse sentido, a presença do leão, invisível aos demais personagens, pode ser lida como uma metáfora que reconfigura o campo perceptivo, possibilitando um regime de visibilidade em que o insólito produz efeitos de desordem. Por outro lado, essa mesma figura pode contribuir para a construção de um dispositivo que desloca o olhar, desviando a atenção do leitor de uma violência mais ampla e estrutural, vinculada ao contexto do conflito armado na Colômbia. Assim, o jogo entre visível e invisível, mediado pela articulação verbo-visual, não apenas constrói a atmosfera caótica, e, sim, expressa diferentes modos de percepção da realidade representada.

Partindo para a análise de algumas partes específicas da narrativa, voltamos a nossa atenção para uma informação que pode passar despercebida a uma primeira vista, sendo essencial para inferirmos sobre o cenário que a história se passa: 1948. Esse ano marca o assassinato de Jorge Eliécer Gaitán, líder político da Colômbia, assim, justifica-se a interpretação de que a guerra é um dos temas presentes. Tal acontecimento desencadeou o que foi chamado de La violencia, um período de guerra civil entre liberais e conservadores que se estendeu aproximadamente até 1958 e deixou centenas de milhares de mortos. A imagem no livro funcionaria como uma pista visual para situar o leitor em uma narrativa cuja violência se destaca.

Figura 6 - Pista do ano 1948



Fonte: Buitrago, 2012.

Outra inferência possível diz respeito à manchete de jornal posicionada ao lado da cabeceira da cama, na qual se lê “Famílias de desaparecidos em 1985”. Conforme apontam Almeida, Belmiro e Chaves (2024, p. 13), “nesse caso, a morte é marcada pelo desaparecimento, por imagens que não são explicadas pelo texto verbal, mas pela relação intraicônica da página, que sinaliza o tom emocional da ausência do pai”. Nesse sentido, observa-se que a ausência paterna não é enunciada de forma direta; ao contrário, é construída por meio da articulação entre elementos visuais e o contexto histórico sugerido, evidenciando um processo de significação que se dá na dimensão verbo-visual e na organização da página.

Figura 7 - Jornal e retrato do pai

Fonte: Buitrago, 2012.

A memória de seu pai continua viva nela, demonstrada por meio do leão que a acompanha no caminho de casa. Entretanto, não fica explícito que seu pai já partiu, mas sim que ele está desaparecido e que a família tem esperança de um dia reencontrá-lo, tendo em vista a manchete na imagem da página esquerda e o retrato da garota com o pai na imagem da página da direita. Logo no começo, é possível observar algumas pegadas de leão e outras bem pequenas, que sugerem ser de uma criança. Já fica claro desde o início da narrativa que vão caminhar lado a lado. Ao final, estas patas de leão são substituídas por passos de uma pessoa, provavelmente um adulto. Esses dois momentos nos trazem pelo menos duas hipóteses: a primeira é a de que o pai foi encontrado e, finalmente, pôde estar novamente com a sua família. A segunda é a de que, mesmo o pai não regressando, o livro nos dá a pista de que o leão realmente faz alusão a ele.

A morte, portanto, não aparece como um evento pontual na história, mas sim como uma ausência prolongada ao longo das páginas. Desse modo, a morte ganha

um enfoque coletivo, e não apenas individual, uma vez que o desaparecimento do pai se relaciona a um período de guerra. Embora o conflito não seja representado de maneira explícita, a obra evidencia seus efeitos sobre a vida cotidiana: o sofrimento das famílias, a ruptura dos vínculos afetivos, a esperança do reencontro, o desaparecimento de entes queridos e a impossibilidade de elaborar plenamente o luto diante da ausência de respostas. Nesse sentido, a narrativa desloca a morte para além da perda física, enfatizando, assim como ocorre também em *Migrantes*, de Issa Watanabe (2021), a dor produzida pela espera, pela dúvida e pela falta de encerramento, aspectos que tornam a experiência da perda ainda mais traumática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A guerra, enquanto uma constituição complexa da experiência humana, dialoga de diferentes maneiras com o universo infantil. Elementos que reafirmam essa presença podem ser observados, por exemplo, na comercialização de armas como brinquedos feitos de dardos, que jorram água e outras ou em jogos digitais amplamente acessados pelas crianças, como *Free Fire* e *Fortnite*. A literatura infantil, contudo, apresenta esse tema sob outra perspectiva: em vez de enfatizar apenas na lógica do combate, evidencia o lado humano dos conflitos e suas consequências sociais, psicológicas e políticas.

Dessa forma, é possível afirmar que a presença da morte e da guerra na literatura destinada às crianças não se configura como um elemento incompatível com a infância, mas como uma forma sensível de mediação de experiências humanas complexas. Na obra *Migrantes*, de Issa Watanabe, a guerra não aparece de maneira explícita ou factual; ela se manifesta por meio de seus efeitos mais profundos: a morte, o deslocamento, a perda e a necessidade de reconstrução da vida. Infere-se a partir da imagem dos pertences do Coelho, a sua morte. Assim, a narrativa visual constrói, por meio de símbolos como a floresta escura, a presença constante da caveira e a travessia pelo mar, uma representação poética e ao mesmo tempo contundente das consequências dos conflitos humanos.

Já em *Caminho de casa*, de Jairo Buitrago (2012), percebe-se que a guerra está associada ao contexto histórico dos conflitos entre liberais e conservadores na Colômbia. Nesse sentido, a obra apropria-se desse acontecimento para representá-lo e ressignificá-lo por meio da linguagem literária e do ponto de vista da criança. As imagens, nesse processo, configuram-se como um recurso estético fundamental,

pois situam e orientam o leitor em uma narrativa marcada pela violência e pela morte. No que se refere à temática da morte, seus sentidos se desdobram ao longo da obra, uma vez que ela se relaciona não apenas à perda física, mas também à incerteza, à ausência e às cicatrizes deixadas pelo desaparecimento.

Nesse sentido, os livros demonstram como a literatura pode abordar de maneira estética temas considerados difíceis, pois possibilita que os leitores atribuam sentidos às experiências de sofrimento, solidariedade e esperança. Assim, ao invés de afastar as crianças desses assuntos, obras como *Migrantes* e *A caminho de casa* evidenciam o potencial da literatura, reafirmando seu papel formativo na constituição de leitores capazes de dialogar com as realidades humanas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, E. G. de; BELMIRO, C. A.; CHAVES, L. S. A morte em palavras e imagens em livros ilustrados latino-americanos. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 62, n. 73, p. 1–26, jul./set. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/36514/19209>. Acesso em: 16 mar. 2026.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1995.

AZEVEDO, F.; BALÇA, A.; SASTRE M. S. **Os Conflitos Bélicos e a Criança Na Literatura Infantil**. Perspectiva. Florianópolis, 2017, p. 1141–1156.

BEDNAREK, M. **Dzieciństwo w cieniu wojny** – przedstawienie pojęcia wojny we współczesnych narracyjnych książkach obrazkowych dla dzieci. *Porównania*, n. 33, p. 1–?, 2023. DOI: <https://doi.org/10.14746/por.2023.1.14>. Disponível em: <https://pressto.amu.edu.pl/index.php/p/article/view/35725/33148>. Acesso: 23/03/2026.

BUITRAGO, J. **A caminho de casa**. Tradução de Fabio Weintraub. São Paulo: Edições SM, 2012.

CAMARGO, L. **Ilustração do livro infantil**. Belo Horizonte: Ed. Lê, 1995.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 3 ed. São Paulo: Duas cidades, 1995.

COMPAGNON, A. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

DONÁ, G. A morte nunca vem sozinha: temas fraturantes e formação docente. Orientadora: Renata Junqueira de Souza. 2024. 180 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2024.

FILHO, J. N. G.; PINA, P. K. da C.; MICHELLI, R. S. (orgs.). **A literatura infantil e juvenil hoje**: múltiplos olhares, diversas leituras. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2011.

HANAN DÍAZ, F. **Sombras, censuras y tabús en los libros infantiles**. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 2020.

HARARI, Y. N. **Sapiens**: Uma breve história da humanidade. Trad. Jorio Dauster. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LINDEN, S. V. D. **Para Ler o Livro Ilustrado**. Tradução Dorothée de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LUIZARI, G. G. da S. **Uma imagem, uma história: como as crianças compreendem o livro de imagem**. 2019. 175 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2019.

MARK, J. J. **War in Ancient Times**. Ancient History Encyclopedia, 2009. Disponível em: Guerra nos Tempos Antigos - Enciclopédia da História Mundial (worldhistory.org). Acesso em: 25 maio 2025.

NIKOLAJEVA, M. **Reading for Learning**: Cognitive Approaches to Children's Literature. Amsterdam: John Benjamins, 2014.

PENZANI, R. **Temas fraturantes**: literatura que gera desconforto e quebra tabus. Blog Letrinhas, Companhia das Letras. 13 jun., 2024. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/blogDaLetrinhas/Post/6610/temas-fraturantesliteratura-que-gera-desconforto-e-quebratabus#:~:text=h%C3%A1%20a%20literatura%20que%20pode,os%20chamados%20temas%20fraturantes%22>. Acesso em: 15 jul. 2024.

VIGOTSKII, L. S. LURIA, A. R. LEONTIEV. A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução de Maria da Pena Villalobos. São Paulo, Ícone, 2019.

WATANABE, I. **Migrantes**. São Paulo: Solisluna, 2021.